

AURORA: UMA VIRADA METODOLÓGICA NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Daybreak: methodological shift in the philosophy of Nietzsche

Geraldo Dias¹

Resumo: Neste artigo, defendemos que *Aurora* é uma obra decisiva para a construção de um quadro filosófico que possibilitará o surgimento futuro de uma nova metodologia na filosofia nietzschiana. Haja vista que ela fornece indícios de uma virada metodológica, indicando a maneira pela qual o procedimento genealógico se dará. Enquanto etapa preliminar e transitiva, *Aurora* empreende uma investigação histórico-genética dedicada à elucidação da proveniência dos preconceitos morais ou, conforme a nossa hipótese, realiza um raciocínio pré-genealógico sobre a gênese da moral.

Palavras-chave: Aurora, pré-genealogia, preconceitos, moralidade, eticidade, genealogia.

Abstract: In this article, we argue that *Daybreak* is a key to building a philosophical framework that will enable the future creation of a new methodology in the nietzschean philosophy work. Considering that it provides evidence of a methodological turn, indicating the manner in which the genealogical procedure will occur. While preliminary stage and transitive, *Daybreak* undertakes a historical-genetic research devoted to the elucidation of the source of moral prejudices or, according to our hypothesis, performs a pre-genealogical reasoning about the genesis of morality.

Keywords: Daybreak; Pre-Genealogy; Prejudices; Morality; Ethics; Genealogy.

Introdução

Aurora possui um diferencial em relação às obras anteriores de Nietzsche: a centralidade dada à moral. É o livro no qual o autor aprofunda e amplia suas investigações sobre ela, adota uma abordagem histórico-genética diametralmente oposta às fundamentações defendidas pela tradição filosófica, investiga sua proveniência e descreve seus pré-juízos subjacentes. Dessa maneira, definitivamente

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil. Membro do GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. E-mail: ge.pdias@hotmail.com. Em agosto de 2013, na PUC-Campinas, por ocasião do **XXXIV Encontros Nietzsche: metodologias no trato do texto nietzschiano**, com o título *Aurora: uma “pré-genealogia” da moral*, tive a oportunidade de comunicar, discutir e avaliar com comunidade nietzschiana parte dessa pesquisa sobre a virada metodológica que ocorre na filosofia nietzschiana a partir do livro *Aurora*.

se contrapôs às fundamentações da moral tradicionais, seja na compaixão, no utilitarismo ou na racionalidade.

Com isso, podemos nos perguntar se, a partir dessa obra, não passa também a ocorrer uma virada metodológica na investigação nietzschiana da moral? Não uma mudança súbita e radical, tal como defendem alguns comentadores, mas certa guinada quanto ao modo de raciocinar a respeito da “grande mestra da sedução”, a “autêntica *Circe dos filósofos*” (M/A, Prefácio, 3). Pois, se tomarmos como referência o conjunto das obras do filósofo, veremos a partir de *Aurora* ocorrer uma lenta e gradual transição na maneira de investigar a moral. Para expor isso, denominamos de raciocínio pré-genealógico à maneira como Nietzsche investiga a gênese dos preconceitos morais nesse seu livro. Poderemos constatar isso por meio da análise do emprego desse raciocínio nas suas reflexões sobre a eticidade do costume, a moralidade cristã, a paixão pelo conhecimento, o sentimento de potência.

Desse modo, teremos logo no início deste artigo a oportunidade de verificar que justamente por não levar em conta esse caráter transitório do raciocínio metodológico sobre a moral presente em *Aurora* e, além disso, ao subsumi-la a noções e obras posteriores, alguns comentadores se equivocaram e não a situaram bem no conjunto das obras de Nietzsche.

Em seguida, buscaremos evidenciar que o raciocínio pré-genealógico visa a conjecturar sobre a mais remota gênese da moral, a eticidade do costume. Com isso, veremos como esse raciocínio serve ao autor para circunscrever, delimitar os limites e diferenciar a primitiva eticidade do costume da moderna moralidade cristã. Dessa maneira, poderemos mostrar como esse raciocínio cria um quadro teórico elementar capaz de permitir a Nietzsche se direcionar e transitar para o procedimento genealógico propriamente dito.

Por fim, veremos que esse raciocínio pré-genealógico alicerça nada menos do que o projeto filosófico de *Aurora*. De modo que Nietzsche, com base nele, delinea justamente que o “significado moral da existência” se baseia em preconceitos errôneos destinados a desaparecer, e assim projeta a possibilidade de

uma liberação e/ou desprendimento para a humanidade futura da visão moral do mundo, de toda visão moral depreciadora da existência (M/A, 03).

I. Desfazendo equívocos metodológicos sobre *Aurora*

Justamente por se tratar de uma obra de pensamento não definitiva, mas transitiva, uma virada quanto ao raciocínio empregado para investigar determinado objeto, *Aurora* têm sido, de um lado, negligenciada e esquecida e, de outro, obscurecida e mal situada no *corpus* nietzschiano.

Não é raro encontrarmos equívocos metodológicos sobre *Aurora* entre os comentadores nacionais e internacionais da filosofia nietzschiana. David Owen, por exemplo, defende que “a mudança de Nietzsche para o desenvolvimento de seu procedimento genealógico de investigação está situada dentro do projeto global da transvaloração dos valores que se inicia em *Aurora*”². Owen interpreta *Aurora* à luz de textos posteriores (*Para a genealogia da moral* e *Ecce homo*) e sugere que o livro representa uma decisiva e radical virada metodológica, trazendo então em seu bojo o procedimento genealógico, não a partir da noção de *valor*, o que seria mais adequado, mas a partir de uma relação com a moralidade que já estaria presente no livro. Como ele mesmo comenta: “[é] em *Aurora*, como nos diz Nietzsche em *Ecce homo*, que a sua ‘campanha contra a moral começa’ em uma ‘transvaloração de todos os valores’”³.

Contudo, não foi exatamente isso o que Nietzsche afirmou em *Ecce homo*. Com sua típica linguagem metafórica, o filósofo dá a entender que *Aurora*, como o título sugere, é uma espécie de despontar de novas auroras em sua filosofia ou, em outros termos, que tal livro figura como o delicado rubor de um novo amanhecer, querendo com isso indicar certa mudança em sua filosofia. No entanto, não especificou porque nem em que pontos o livro seria uma obra de transição para a sua filosofia; quanto a nós, diferente de Owen, queremos defender que a maneira de

² OWEN, D. *Nietzsche, Re-evaluation and the Turn to Genealogy*. European Journal of Philosophy, 11:3. Blackwell Publishing Ltd, 2003, p. 249.

³ OWEN, D, 2003, p. 249.

investigar a moral realmente passava então por uma mudança. Além disso, a reflexão sobre uma possível viragem na obra de Nietzsche a partir de *Aurora* não pode dispensar o aspecto metodológico⁴.

A dificuldade que encontramos na leitura de Owen não está no fato de ele reconstruir o contexto de surgimento do procedimento genealógico a partir de *Aurora*. O problema é que ele o faz sem muita cautela, ao pressupor que nessa obra Nietzsche já opera com o problema do *valor dos valores*. A nosso ver, porém, a campanha de Nietzsche contra a moral realizada em *Aurora* ainda não opera com a noção de *valor* e tampouco com *genealogia da moral*, mas dentro de um projeto em que o filósofo delinea o desprendimento e liberação dos preconceitos morais para a humanidade futura. Portanto, a dificuldade de Owen é que ele toma como pressuposto a ideia de que em *Aurora* Nietzsche já operaria com a noção de *valor* tal como irá fazer a partir de *Assim falou Zaratustra*. É desse ponto de vista que ele sugere a ideia de que o livro marca uma radical virada metodológica, não apenas orientando-se, desde então, para o projeto da transvaloração de todos os valores, mas já como parte efetiva deste programa filosófico.

A nosso ver, o exame que Nietzsche realiza em *Aurora*, de fato, o levou a desmascarar os preconceitos subjacentes à moral, mas não a problematizá-la em termos de *valor*. É o próprio Nietzsche, no prólogo de *Para a genealogia da moral*, quem nos autoriza a fazer essa diferenciação conceitual e metodológica. Para ele a noção de *valor* exigirá a necessidade “de uma *crítica* dos valores morais” de tal maneira que “*o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão*”

⁴ Mais geralmente, esse problema foi colocado e discutido pela primeira vez no **V Congresso Internacional do GIIN – Grupo Internacional de Investigações sobre Nietzsche, 21-23 de Julho 2012- Lisboa. Aurora: uma viragem na obra de Nietzsche? A inversão dos valores e o futuro da humanidade**. “Será *Aurora* uma viragem na obra de Nietzsche?” “Em *Ecce Homo*, Nietzsche concede um lugar especial a *Aurora* apresentando este texto como um novo começo: “Com este livro começou a minha campanha contra a moral”. E define a sua originalidade a partir de dois objectivos: a “inversão dos valores” (§1) e a preocupação com “o futuro da humanidade” (§2). Porém, se a análise da moral desempenha ali certamente um papel de primeiro plano, nenhuma destas duas fórmulas aparece no livro, que dedica, em contrapartida, uma atenção particular à moralidade dos costumes, aos sentimentos de valor, à história da cultura, à paixão pelo conhecimento, ao sentimento de poder ou ainda à fisiologia”, Dos dois tópicos citados: a inversão dos valores e a preocupação com o futuro da humanidade, o primeiro de fato não consta, no sentido de que o problema do *valor dos valores* ainda não está posto; já a preocupação com o futuro da humanidade está presente, é a marca do projeto filosófico do livro.

(GM/GM, Prólogo 6, KSA 5.253). Diferente do que comenta Owen, portanto, em *Aurora* Nietzsche realiza uma pesquisa da moral na qual ele não opera com a noção de *valor*, tampouco com o procedimento genealógico, mas com ferramentas teóricas transitivas, em termos metodológicos denominamos isso de raciocínio pré-genealógico.

Oswaldo Giacoia, por sua vez, procurou “(...) explicitar a função específica e estratégica (...) que temas como a eticidade do costume (...) desempenham como momentos essenciais da genealogia nietzschiana”⁵. O que, de fato, nesse ponto específico faz todo o sentido: como veremos mais à frente, a eticidade do costume exerce um papel preliminar e transitivo para a construção da genealogia da moral. Entretanto, para explicitar a função desse tema para o procedimento genealógico, Giacoia lança mão do conceito de vontade de potência e interpreta as reflexões de Nietzsche sobre a eticidade do costume presente em *Aurora* à luz de um conceito que é posterior, igualando assim diferentes obras e o tema da eticidade num mesmo plano de leitura. Por isso, não diferenciou o tratamento específico que Nietzsche emprega ao mesmo tema em cada uma das obras (depois de *Aurora* ele discorre a respeito da eticidade em *Para além de bem e mal* e *Para a genealogia da moral*). Muito semelhante a David Owen, Giacoia não se atentou para a seguinte diferença básica: em *Aurora*, ao contrário de *Para a genealogia da moral*, Nietzsche investiga a moral a partir da noção de preconceitos morais e não por meio da noção de *valor*; e, por conseguinte, o procedimento genealógico, portanto, também ainda não é utilizado⁶.

⁵ GIACOIA, O. *O Grande Experimento: sobre Eticidade e Autonomia em Nietzsche*. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 12, 1989, p.102.

⁶ Como afirma Scarlett Marton: “*Aurora* apresentava como subtítulo ‘Pensamentos sobre os preconceitos morais’, *O andarilho e sua sombra* tratava de sentimentos morais, *Humano demasiado humano* examinava conceitos morais. O filósofo ocupava-se com conceitos, pré-juízos, sentimentos em suas considerações sobre a moral e até podia empregar, eventualmente, o termo “valor” ou a expressão “apreciação de valor”. Mas é a partir de *Assim falava Zaratustra* que passa a trabalhar com a noção de valor. Isso possibilita uma reorganização de seu pensamento: suas ideias são submetidas a nova articulação; seus escritos são por ele mesmo encarados segundo nova ótica, como deixam entrever os prefácios de 1886 aos livros já publicados e a autobiografia de 1888; suas reflexões sobre os valores e, em particular, os valores morais ganham nova consistência”. MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos* – 3º ed. – Belo Horizonte: Editora. UFMG 2010, p. 86. Isto significa que o procedimento genealógico só opera a partir da noção de valor.

Por tomar *Aurora* como se ela estivesse num mesmo plano de imanência que obras posteriores, Giacoia é levado a interpretar a *história natural do dever e do direito*, presente no § 112, como “parte importante” do “método genealógico” de Nietzsche⁷. Porém, isso é no mínimo estranho, uma vez que esse aforismo não remete diretamente ao procedimento genealógico, nem tampouco opera com ele. Para bem compreendermos essa contribuição nietzschiana à história natural do dever e do direito é preciso situá-la em seu movimento argumentativo próprio, isto é, no livro *Aurora*, à luz da expressão sentimento de potência (*Gefühl der Macht*) e não a partir de noções ou projetos posteriores.

O §112 não seria uma parte do método genealógico, como afirma Giacoia, uma vez que por meio da “*Contribuição à história natural do dever e do direito*” o filósofo mostra o quanto os direitos e deveres de uma determinada formação cultural, em seus aspectos individuais e coletivos, relacionam-se ao que ele denomina de sentimento de potência. No entanto, ainda não ha uma relação direta entre sentimento de potência e a noção de valor, que instaura o procedimento genealógico.

Com essa história natural da moral, Nietzsche mostra o quanto os direitos e deveres são, na verdade, relações entre potências, submetidas a mudanças contínuas. Cada aumento ou diminuição do sentimento de potência exige novas normas, novos direitos que possam contemplar essas mudanças. Qualquer alteração na configuração dos sentimentos de potência dos indivíduos de uma sociedade, seja a diminuição ou o aumento, podem estreitar ainda mais certas relações entre eles ou extinguirem, por exemplo, direitos e deveres. Sobre esse ponto Nietzsche afirma: “quando a nossa potência mostra-se abalada e quebrantada, cessam os nossos direitos: e, quando nos tornamos muito mais poderosos, cessam os direitos dos outros sobre nós, tal como os havíamos reconhecido a eles até então” (M/A, §112 trad. PCS modificada).

⁷ GIACOIA, O. “Violência e direito – Para uma genealogia da justiça”, *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 87.

Os deveres e direitos dos indivíduos estão relacionados ao sentimento de potência que se manifesta neles. A história testemunha o quanto é difícil para a humanidade manter algum equilíbrio no que diz respeito aos direitos e deveres de povos e indivíduos. Dada à natureza transitória das relações humanas, os diferentes graus de potência e, por conseguinte, os direitos e deveres “sempre ficarão em equilíbrio apenas por um instante, geralmente subindo ou descendo: – portanto, ser justo é difícil, e exige muita prática e boa vontade, e muito *espírito* muito bom” (M/A, §112). Conforme esse raciocínio de Nietzsche, os direitos e deveres estão intimamente relacionados ao sentimento de potência de cada indivíduo e/ou coletividade, contudo, o que Nietzsche denomina de sentimento de potência não remete e/ou opera com a noção de valor, como pressupõe Giacoia.

Assim, a nosso ver, para não cometer equívocos sobre a metodologia de Nietzsche desenvolvida em *Aurora*, é preciso não subsumi-la a noções e obras posteriores. Ou seja, não tomar obras de diferentes momentos da produção filosófica nietzschiana como se elas estivessem num mesmo plano de imanência, mas tentar ler cada obra em seu tempo próprio⁸. Embora a moral (inclua-se aqui o tema da eticidade do costume) empreste certa unidade à filosofia de Nietzsche, a leitura de cada obra em seu tempo próprio sempre irá apontar para diferenças e transições na sua abordagem, uma vez que o procedimento de análise que o filósofo realiza é diferente em cada uma das obras.

I. Pré-genealogia: da eticidade do costume à moral cristã

Desde *Humano, demasiado humano*, Nietzsche se direciona cada vez mais para a investigação da moral, aqui por meio de reflexões sobre os sentimentos morais. Em seguida, em *Aurora*, efetiva uma investigação e crítica dos preconceitos morais, mais do que uma simples pesquisa da história dos sistemas éticos, procura conhecer as condições e circunstâncias em que eles surgiram e se desenvolveram,

⁸ Conforme GOLDSCHMIDT. *A religião de Platão*. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

empreendendo assim um raciocínio pré-genealógico para desvelar a gênese dos pré-juízos morais.

As suas primeiras hipóteses sobre a gênese da moral remontam às obras *Humano demasiado humano*, *humano* I e II, *Aurora* e *A gaia ciência*. Como o próprio Nietzsche indica: “meus pensamentos sobre a procedência de nossos preconceitos morais (...) receberam sua primeira, parcimoniosa e provisória expressão naquela coletânea de aforismos que leva o título *Humano, Demasiado Humano*” (GM/GM, Prólogo 2, KSA 5.251). E detalha: “(...) pela primeira vez apresentei as hipóteses sobre origens (...) ainda sem liberdade, sem linguagem própria para essas coisas próprias, e com recaídas e hesitações diversas” (GM/GM, Prólogo 4, KSA 5.252). É nesse sentido metodológico que, a nosso ver, o raciocínio filosófico empregado por Nietzsche à pesquisa da moral, especificamente em *Aurora*, pode ser considerado como pré-genealógico⁹.

Elemento central de *Aurora*, Nietzsche examina a moral neste livro desde a sua mais remota história. De início, procura desvendar a sua longa pré-história examinando aquilo que denomina de eticidade do costume (*Sittlichkeit der Sitte*), isto é, o modo tradicional de agir e avaliar das comunidades que viveram “antes de nosso calendário” (M/A, 9, 14, KSA 3.21-24)¹⁰. Esse exame da moral realizado em

⁹ Tal como salienta Blaise Benoit, em *Aurora* a abordagem nietzschiana da moral segue “uma perspectiva pré-genealógica que seria a de desmistificação, ou seja, a retradução do espírito em corpo, isto é, em realidades fisiopsicológicas o que são pulsões”. BENOIT, B. *Du volontarisme moral à l'autorégulation des pulsions? Quelques remarques à propos d'Aurore*, §109, V Congresso do GIRN, 20012.

¹⁰ O termo *Sittlichkeit der Sitte* possui diferentes traduções. Na francesa de Julien Hervier, 1989, consta *moralité des moeurs*; encontra-se em italiano *costumatezza del costume*, em inglês *morality of mores* e *morality of custom*, em espanhol *eticidad de la costumbre*, em português *moralidade do costume*. Rubens Rodrigues T. Filho traduz por *eticidade do costume* e acrescenta que “*Éticidade* ou *moralidade*, duas palavras que perderam a referência ao significado original de *costume*, que têm por base (*ethos* em grego, *mos* em latin). O texto alemão, ao dizer *Sittlichkeit der Sitte*, o evoca muito mais diretamente – é que a língua não perdeu totalmente a memória dessa ligação, tanto que ética se diz *Sittenlehre* (doutrina dos costumes) e já Kant reservava a fundamentação da moral para uma ‘metafísica dos costumes’” (Col. “Os Pensadores”; 1996, p, 141). Tom Bailey considera que Nietzsche, mesmo empregando “a palavra ‘*sittlich*’, ao invés de ‘*moralisch*’, para “moral”, não implica que ele considere ser o “indivíduo soberano” livre apenas da primitiva “moral do costume [*Sittlichkeit der Sitte*]”, sob a qual ele alega que a atividade se desenvolve, e nem da moral moderna, à qual ele geralmente se refere como “*Moral*” ou “*Moralität*”. BAILEY, T. *As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas*, in **Cadernos Nietzsche**, n° 29, Volume II. São Paulo: GEN, 2011, p 379. Adotamos a tradução de Rubens R. T.

Aurora tem sua singularidade, pois difere completamente daquele desenvolvido em obras anteriores e posteriores.

Trata-se de um raciocínio que constituirá os métodos utilizados na composição de *Aurora*, e inicia uma relativa virada metodológica no pensamento de Nietzsche a respeito da moral. A análise pré-genealógica da moral se dará primeiramente por meio do exame da eticidade do costume, uma vez que será por dessa via que o filósofo julga desvendar a gênese da moralidade moderna cristã. Para tanto, num primeiro momento, ele analisa a maneira pela qual a eticidade se erige enquanto obediência aos costumes, tornando possível um tipo de vida ética, em que o indivíduo age segundo os costumes tradicionais, constituídos no interior da comunidade. É, portanto, no modo de vida orientado pelos costumes enquanto tradição normativa que Nietzsche julga encontrar a gênese da moral¹¹. A eticidade definiu o caráter da existência humana por meio de um conjunto de prescrições previamente orientadas pelos impulsos, sentimentos e tendências subjacentes à longa história dos costumes (M/A, §9, §18,§19). Ela remonta à pré-história humana, se caracteriza como a inscrição da civilidade no homem¹².

A eticidade do costume, na medida em que repousa em erros, em causas fantásticas e sentimentos morais considerados superiores, induz o homem a desprezar as causas, as consequências e a própria efetividade por um mundo imaginário, no qual o homem não precisa enfrentar seus medos diretamente, apaziguando-os por meio dos costumes (M/A, §33). Diferentemente, a humanidade moderna cristã, em comparação com a humanidade do período da eticidade do costume, mostra-se menos dependente das causalidades fantásticas. Mas a diferença

Filho, por considerar que eticidade do costume faz referência às investigações de Nietzsche sobre a gênese da moral, algo diferente da moralidade (*moralität*) moderna cristã.

¹¹ Portanto, “*Aurora* representa efetivamente algo de novo (“um início dos inícios”), é o assumir de um novo ponto de vista acerca da origem e da natureza da moral, um ponto de vista destinado a conduzir Nietzsche em direção à *Genealogia da moral* e a distanciá-lo claramente – como ele próprio revela – das suas primeiras hipóteses, “ingênuas e provisórias”, FORNARI, M. C. *O filho spenceriano na mina moral de Aurora*. Trad. Maria João Mayer Branco, in **Cadernos Nietzsche** 24, 2008, p. 103.

¹² Ver AZEREDO, V. Dutra. *Eticidade do costume: a inscrição do social no homem*, in *Dissertatio* (UFPel), v. 25, 2007, p. 73. Segundo a autora, “o movimento da cultura é denominado por Nietzsche como “Eticidade do costume” (*Sittlichkeit der Sitte*), cuja ação precípua está determinada pelo adestramento, pelo ato de impor a obediência aos próprios costumes enquanto ato fundador da civilidade do homem”.

entre a humanidade que vivia sob o jugo da eticidade do costume e a humanidade atual cristã não é um progresso moral, como defendem os pensadores ingleses¹³, mas um gradativo desenvolvimento intelectual e material, conforme Nietzsche, um aumento do sentido da causalidade (*Sinn der Causalität*) (M/A, §2, §10).

Ao tratar do preconceito dos eruditos, Nietzsche dialoga com a antropologia dos ingleses, por exemplo, John Lubbock, erudito que acreditava no progresso moral, ou seja, que a humanidade do passado não possuía, ao contrário da humanidade de hoje, um conhecimento objetivo do bem e do mal, em outras palavras, da moral (M/A, §2). Assim, segundo o pensador inglês haveria um progresso moral da humanidade por meio da história. Nietzsche entende que isso é justamente um preconceito moral, no sentido de que faltou ao método do antropólogo inglês rigor científico sobre o que constitui a moral. Que a moral em si baseia-se em preconceitos e erros intelectuais, eis uma tese central em *Aurora*. Para explicar a distância moral entre a humanidade animista do passado e a atual cristã, Nietzsche tomou uma perspectiva segundo a qual não há um progresso moral, mas uma diminuição do âmbito da eticidade do costume, mediante um aprimoramento do sentido causalidade (M/A, §10).

É a obediência ao costume que caracteriza a eticidade, uma vez que o sentimento da eticidade (*Gefühl der Sittlichkeit*) cria a ilusão sensível de que a própria tradição é uma potência, a condição e a referência para a qual todo indivíduo deve obedecer irrefletidamente (M/A, §9). Mestre reguladora, potência superior imanente à comunidade, a eticidade do costume é denominada por Nietzsche como o primeiro movimento de cultura da humanidade, primeiro meio pelo qual os homens são adestrados, momento de incorporação de sentimentos e preconceitos, seja a responsabilidade por atos e pensamentos, seja o medo frente à tradição. Já por isso, qualquer insurreição contra esses costumes admitidos e praticados, considerados bons, nos quais a comunidade confia cegamente, é considerada imoral.

¹³ Sobre esse ponto ver Sir John Lubbock, *The Origin of Civilisation and the Primitive Condition of Man. Mental and Social Condition of Savages*, London, Longmans, Green, and Co., 1875, p. 275, et David S. Thatcher, “Nietzsche's Debt to Lubbock”, in *Journal of the History of Ideas*, Vol. 44, No. 2 (Apr. - Jun. 1983), p. 299.

Isso porque a eticidade do costume se expressa por meio de uma tradição autoritária, à qual o indivíduo deve obediência irrestrita. Nietzsche defende que inicialmente tudo pertencia ao domínio da eticidade do costume: a educação, o casamento, a saúde, a alimentação, a guerra etc., onde se exigia a observação de todas as prescrições “*sem pensar em si como indivíduo*”. O indivíduo, por medo vergava-se a autoridade incondicional da tradição. Sob seu julgo, tudo era “costume, e quem queria elevar-se acima dele tinha de se tornar legislador e curandeiro e uma espécie de semideus: isto é, tinha de *criar costumes*” (M/A, §9).

Assim, por meio um raciocínio relativamente novo, os preconceitos morais são por Nietzsche descobertos e evidenciados como modo de vida tradicionalmente engendrado, praticado pela comunidade a fim de manter certa normatização da vida em sociedade. Nesse âmbito, toda moral, todos os juízos, hábitos e costumes não resultam de uma racionalidade livre e/ou separada dos impulsos, instintos e afetos humanos, na verdade, “nossos juízos e valorações morais são apenas imagens e fantasmas sobre um processo fisiológico de nós desconhecido” (M/A, 119).

Por meio desse raciocínio pré-genealógico, Nietzsche passa a realizar uma pesquisa sobre a gênese da moral em que compreende que o aumento do sentido da causalidade, o advento da moralidade socrática e, por fim, a moralidade cristã e suas ações pessoais levaram a eticidade do costume ao seu afrouxamento (ou volatilização) (M/A, §9) ¹⁴. A diferenciação entre esses dois períodos do processo de

¹⁴ Uma prova histórica disso encontra-se nas primeiras missões cristãs. Contra Jesus, Estêvão e Paulo houve testemunhas que os acusavam de modificar os costumes que Moisés havia transmitido. O debate em torno do costume judeu da circuncisão teve lugar nas primeiras comunidades cristãs de modo bastante conflituoso e decisivo para a expansão do cristianismo. Enquanto os cristãos judeus reivindicavam o cumprimento e observância estrita da lei, a começar pela circuncisão, Paulo, considerado o apóstolo missionário dos gentios, lutou em favor do abandono desse costume para todos os pagãos convertidos ao cristianismo. A mais intensa discussão em torno do costume da circuncisão ocorreu no “Concílio de Jerusalém”, onde se discutiu longamente acerca da circuncisão e ao final pronunciou-se a favor de Paulo. Assim, o costume da circuncisão não ficou obrigatório para os cristãos vindos da gentilidade: essa resolução foi de “capital importância, em virtude da qual o cristianismo, livre desse entrave, levantou voo para o mundo pagão, deixando bem longe atrás de si um judaísmo voluntariamente aprisionado”, in ISSAC. Jules. *Jesus e Israel*. SP: Editora Perspectiva, 1986, p.21. Daí a diferença, pois no contexto da eticidade do costume, ser moral significava seguir estritamente as leis estabelecidas tradicionalmente, obedecer aos costumes normativos; já na moralidade cristã, por sua vez, ser moral está relacionado ao modo de agir individual, para a condicionalidade de toda norma, do costume ou da lei. Em certa medida, isso explica porque Jesus, Paulo, Lutero, Calvino ou qualquer

formação da moral ocorre no seguinte sentido: a eticidade toma como critério da ação moral os costumes enquanto regras normativas da conduta, sempre voltadas para o benefício da comunidade; já na moralidade socrático-cristã o critério da ação moral está relacionado à felicidade individual, à salvação pessoal, à intensificação do sentimento de potência. Contra a lógica dos costumes, a partir do advento da cristandade a eticidade perde seu papel preponderante e deixa de ser o critério da ação moral. No lugar da obediência irrefletida à força do costume passa a predominar o poder da consciência individual em face do poder da tradição, de toda ação pessoal ou coletiva, fazendo frente a toda lei e/ou costume tradicionalmente estabelecido.

Nietzsche argumenta que são os homens livres, os indivíduos originais, que primeiro afrouxam as rígidas exigências da eticidade do costume, algo evidente a partir do advento da moral socrática, na medida em que foi capaz de suscitar o conflito entre o indivíduo e a comunidade (M/A, §9). Nesse contexto, a história da moral descrita por Nietzsche se opõe a dos filósofos tradicionais, por assim dizer, fundadores da moral, tais como Kant e Schopenhauer. Esses filósofos procuraram, sobretudo e a todo custo fundamentar a moral buscando encontrar, definir e estabelecer racionalmente os princípios e as causas que determinam a ação moral, a sua forma e o seu conteúdo, bem como as leis do agir e as regras de toda a conduta humana. Contrário ao procedimento desses filósofos, Nietzsche pretende antes descrever os fenômenos históricos, sociais, os impulsos psicológicos e corporais constituintes da moral em um plano coletivo e individual.

Com tal raciocínio combate o preconceito moral da duplicação de mundo, da invenção cristã de um “mundo da verdade mais profundo” (M/A, §32). Nietzsche realiza assim um raciocínio pré-genealógico sobre a moral, desvela seus preconceitos, estimativas, etc¹⁵. Valendo-se das ciências, pretende descobrir e

inventor de novos costumes, em meio à eticidade estabelecida, sempre que tentaram criar novos hábitos e leis, foram vistos, antes de tudo com desconfiança, como indivíduos não éticos e até mesmo como criminosos.

¹⁵ Semelhante ao que Chiara Piazzesi diz ao interpretar o aforismo 14 d’A *gaia ciência* “como um exemplo de exercício pré-genealógico”. A autora “tenta pôr em evidência (...) os pressupostos de FW/GC 14, KSA 3.356, que permitem olhar o aforismo como um exercício preparatório para uma

dissipar as ilusões engendradas pelos preconceitos morais. Não se trata, porém, de opor à moral uma ciência em particular. Na verdade, Nietzsche se vale da história, utiliza-se da psicologia, faz análises antropológicas, considera a complexidade do corpo e dos afetos. Por exemplo, opõe o conhecimento histórico às exigências da moral e em vista disso mostra que muitos de seus preceitos, hábitos e convicções não passam ilusões prejudiciais. Ao investigar a proveniência da moral cristã, mostra que ela foi engendrada pelas paixões, por erros intelectuais, pelo esquecimento, que ela provém dos instintos e anseios do sentimento de potência próprio do ser humano. Evidencia que tanto na primordial eticidade do costume quanto na mais refinada moralidade, a cristã, ocorre um mesmo tipo de erro e/ou preconceito intelectual: o homem esquece que as avaliações morais são criações suas, esquece que ele próprio é o autor de suas apreciações e estimativas. Direcionando seu raciocínio para o exame histórico e psicológico da moral, Nietzsche propõe uma liberação dos preconceitos morais cristãos, mostrando o quanto as orgulhosas figuras do santo, do artista e do erudito ou sábio são produzidas, antes de tudo, pelos instintos e pela ânsia de potência (M/A, §113).

Seu raciocínio traz à luz as circunstâncias e condições originais da moral. Ao afirmar que a moral procede da eticidade do costume ele solapa a ideia de que ela possa ser fundamentada em princípios religiosos, metafísicos ou racionais. Para além de qualquer fundamentação, a moral subjaz à longa pré-história da humanidade, imensos lances de tempo nos quais os impulsos, lenta e penosamente recebem as primeiras determinações morais. A nosso ver, trata-se de uma hipótese pré-genealógica para conjecturar sobre a gênese da moral, no sentido de desmascarar a proveniência contraditória do sentimento de liberdade humana, conquistado com muito custo, nosso maior orgulho. Muito embora, por causa desse mesmo orgulho, torna-se “quase impossível sentir afinidade com aqueles descomunais lances de tempo da “eticidade do costume”, que precedem a “história universal” como *história básica, efetiva e decisiva, que estabeleceu o caráter da humanidade [...]*” (M/A §18).

prestação genealógica”. PIAZZESI, C. “*Was Alles Liebe genannt wird*”: FW/GC 14, KSA 3.356 como exemplo de exercício pré-genealógico, in **Cadernos Nietzsche** 27, 2010, p. 96.

Em *Aurora*, à medida que Nietzsche avança a pesquisa da moral, inicia também uma etapa preliminar e decisiva para a construção de sua genealogia da moral posterior. Porém, em vez de afirmar que o livro opera com a noção de valor e o procedimento genealógico, nos parece mais pertinente defender que nesta obra Nietzsche insiste sim, sem dúvida, em sugerir maneiras novas de valorar, mas de modo mais paulatino, com mais vagar, “em pequenas doses” (M/A, §534), por meio de “pequenas ações divergentes” (M/A, §149), a fim de alcançar uma libertação dos preconceitos morais primitivos e cristãos.

II. O projeto filosófico de *Aurora*

Apenas um raciocínio metodológico revelador dos preconceitos adquiridos ao longo de milênios de atividade moral seria capaz de vislumbrar uma liberação para a humanidade futura da visão moral da existência. Justamente por isso, o mundo primitivo é o primeiro objeto que em *Aurora* Nietzsche investiga em detalhe. Além disso, logo no início do livro o filósofo apresenta seu objeto principal e a estratégia de abordagem (M/A, §1). Também fornece indicações sobre o projeto da obra já no título e na epígrafe, que vêm anunciar a aurora ‘que ainda não há’. Em outras palavras, primeiro foi preciso uma pesquisa sobre longínqua gênese da atividade moral da humanidade para somente então pensar sobre um futuro livre de julgamentos e preconceitos morais.

No parágrafo dedicado ao *Conceito da eticidade do costume*, §9, Nietzsche define o conceito de eticidade em referência a “todos os estados originais da humanidade”. Evoca as origens da civilização com diferentes designações: “acreditava-se outrora que” (§12), “muitos milênios antes de nosso calendário” (§14), “esses descomunais lances de tempo da “eticidade do costume”, que precedem a ‘história universal’” (§18). Com isso, busca justamente conceber uma nova aurora enquanto prolongamento do desenvolvimento histórico que nos fez

sair da eticidade do costume¹⁶. Seu interesse em mostrar a distância axiológica entre a primitiva eticidade do costume e a moderna moralidade cristã está em indicar verossimelmente um novo caminho: como se a aurora da civilização prefigurasse o ultrapassamento da moral cristã.

Mas como seria possível essa liberação ou desprendimento da visão moral do mundo? É por isso que, contra os preconceitos morais, bem como para o seu desmascaramento, Nietzsche indica o aprimoramento das virtudes epistêmicas, o desenvolvimento da “paixão pelo conhecimento” (M/A, §429). Considera que o conhecimento possui uma função decisiva contra os equívocos e preconceitos morais, na justa medida em que ele auxilia a elucidá-los. Uma maneira possível de elucidção dos preconceitos morais ocorreria por meio da intensificação do rigoroso pensamento científico. A promoção da paixão pelo conhecimento, o incentivo ao livre pensamento, à atividade científica, tudo isso possibilitaria gradualmente o afastamento das fantasmagorias religiosas e morais da tradição. A promoção do homem científico apresentaria uma espécie de barreira contra o retrocesso da humanidade para os preconceitos da religião e da moral. Na verdade, o rigor do raciocínio científico seria uma condição necessária para a crítica da religião, da arte, da própria ciência, da metafísica e da moral cristã.

Nessa senda, ao mesmo tempo em que critica certos métodos científicos, Nietzsche, de modo geral, faz uma apreciação construtiva da ciência: defende que ela nos permite abandonar causalidades simplicistas e/ou fantásticas (M/A, §6). Em *Humano demasiado humano*, o filosofar histórico, por exemplo, não está separado das ciências naturais. Por meio dele Nietzsche critica o defeito hereditário dos filósofos: “a falta de sentido histórico” (MAI/HHI, §2). Em *Aurora*, por sua vez, o subtítulo do livro fixa bem o objeto empreendido por Nietzsche: “reflexões sobre os preconceitos morais”. Tal como é indicado já no início da obra, trata-se de realizar uma história exata (*genaue Geschichte*) do surgimento dos preconceitos

¹⁶ Conforme hipótese de SALANSKIS, E. *La logique du monde primitif dans Aurore*, V Congresso do GIRN, 2012.

morais (M/A, §1) ¹⁷. Trata-se de uma espécie de método histórico-genético (ou, como preferimos definir, pré-genealógico) com o qual Nietzsche pretende investigar a história da emergência (*Entstehung*) da moral, mostrando, em seguida, o caráter historicamente condicionado da moralidade cristã. Assim, ele a combate ao organizar e elucidar a procedência de seus preconceitos a partir da eticidade do costume, oposta ao modo de valorar altruísta cristão. As ambiguidades presentes no termo *Entstehung* reforçam a nossa hipótese de que *Aurora* apresenta uma virada metodológica na filosofia de Nietzsche¹⁸.

A diferença básica entre o raciocínio pré-genealógico e a genealogia da moral propriamente dita é a seguinte. O raciocínio pré-genealógico visa a desvendar a gênese da moral. Para tanto, emprega uma pesquisa histórico-genética na qual as ciências, tais como a história, a psicologia, a antropologia, a filologia, a fisiologia são utilizadas para investigar a procedência dos sentimentos e preconceitos morais. O objetivo principal da investigação pré-genealógica são os pré-juízos morais, a história da cultura, os sentimentos morais, a paixão pelo conhecimento, o sentimento de potência, etc.

De modo diferente, a genealogia da moral se depara com a problemática do *valor dos valores*, desenvolvida somente a partir de *Assim falou Zaratustra* e mais particularmente em *Para a genealogia da moral* ¹⁹.

Conforme o raciocínio pré-genealógico, os preconceitos morais são compreendidos enquanto condições básicas de conservação, instituídos de um ponto de vista incondicional, onde reina a obediência moral como lei superior. Desse ponto de vista, os problemas fundamentais da história humana ocidental são

¹⁷ Blondel comenta que no §1, de “forma muito breve, em parte se anuncia o programa filosófico de *Aurora* (...), pode-se ver neste parágrafo de abertura a descrição resumida e em potência da empresa filosófica posterior de Nietzsche, como a genealogia ou psicologia, que gradualmente progride em *Humano, demasiado humano* e *Aurora*: “a história de uma gênese”, uma “história natural da moral” (*Para além de bem e mal*, título do quinto capítulo), da pesquisa da origem das ideias racionais no irracional”, in BLONDEL. E. *Aurore: pensées sur les préjugés moraux*. Paris: Flammarion, 2012, p16.

¹⁸ O comentário de Foucault sobre o termo *Entstehung* aponta nessa direção, FOUCAULT, M. *Metafísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 17.

¹⁹ Em detalhes Scarlett Marton comenta esse ponto no capítulo “O procedimento genealógico: vida e valor”, do livro *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos – 3º ed.* – Belo Horizonte: Editora. UFMG 2010, p. 81-108.

morais, revelados na investigação da proveniência dos pré-juízos e erros intelectuais constituintes dessa história. É nessa direção que, em *Aurora*, Nietzsche desenvolve um projeto que procura alcançar uma liberação e/ou desprendimento dos preconceitos morais para a humanidade futura, por meio de uma investigação, podemos dizer, pré-genealógica.

Esse raciocínio metodológico delinea a possibilidade de uma liberação dos preconceitos morais. Ele opera com a noção de preconceitos morais e é decisivo para posteriormente encaminhar a pesquisa genealógica, sugerindo o problema do valor dos valores. Isso porque, ao colocar a moral como problema central, Nietzsche foi capaz de realizar uma tentativa de liberar a humanidade futura da significação moral atribuída à existência, para então, finalmente, poder alcançar as condições que viabilizou o desenvolvimento do problema do valor dos valores. *Aurora*, portanto, traz uma ampla pesquisa sobre a moral, mas não ainda uma genealogia da moral. Contudo, é um momento de virada metodológica na filosofia nietzschiana, na medida em que sua abordagem dos preconceitos morais serviu como um momento de trânsito, de construção e viabilização de noções futuras.

Em outras palavras, a análise pré-genealógica dos preconceitos morais empregada em *Aurora* permite a Nietzsche certo trânsito para outras experiências metodológicas de investigação da moral. Portanto, ocupa uma função estratégica no conjunto de suas obras. Podemos dizer que essa pré-genealogia da moral faz de *Aurora* um momento preambular, indicativo, uma virada metodológica na filosofia nietzschiana.

Referências Bibliográficas:

AZEREDO, V. Dutra (2007) *Eticidade do costume: a inscrição do social no homem*, in *Dissertatio* (UFPel), v. 25.

BLONDEL. E. *Aurore: pensées sur les préjugés moraux*. Paris: Flammarion, 2012.

BENOIT. B. *Du volontarisme moral à l'autorégulation des pulsions? Quelques remarques à propos d'Aurore, §109*, V Congresso do GIRN, 20012.

BAILEY, T. *As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas*, in **Cadernos Nietzsche**, n° 29, Volume II. São Paulo: GEN, 2011.

FORNARI, M. C. *O filão spenceriano na mina moral de Aurora*. Trad. Maria João Mayer Branco, in **Cadernos Nietzsche** 24, 2008.

FOUCAULT, M. *Metafísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos* - 3° ed. - Belo Horizonte: Editora. UFMG 2010.

GIACOIA, O. *O Grande Experimento: sobre Eiticidade e Autonomia em Nietzsche*. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 12, 1989.

_____. “Violência e direito - Para uma genealogia da justiça”, *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 87.

GOLDSCHMIDT. *A religião de Platão*. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

OWEN, D. *Nietzsche, Re-evaluation and the Turn to Genealogy*. European Journal of Philosophy, 11:3. Blackwell Publishing Ltd, 2003.

ISSAC, Jules. *Jesus e Israel*. SP: Editora Perspectiva, 1986.

PIAZZESI, C. “Was Alles Liebe genannt wird”: FW/GC 14, KSA 3.356 como exemplo de exercício pré-genealógico, in *Cadernos Nietzsche* 27, 2010.

SALANSKIS, E. *La logique du monde primitif dans Aurore*, V Congresso do GIRN, 2012.